

O BAOBÁ NA PAISAGEM AFRICANA



**SINGULARIDADES DE UMA CONJUGAÇÃO
ENTRE NATURAL E ARTIFICIAL**

Maurício Waldman



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 23**

O BAOBÁ NA PAISAGEM AFRICANA:

SINGULARIDADES DE UMA CONJUGAÇÃO ENTRE NATURAL E ARTIFICIAL ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

RÉSUMÉ

L'organisation traditionnelle de l'espace a reçu peu d'attention à la géographie, ce qui compte pour l'Afrique est particulièrement vrai. L'objectif de cet article est de examiner ce question de l'arbre qui est un véritable symbole du continent: le Baobab. Une considération clé est qu'en Afrique, le concept classique de l'espace n'a pas de sens à la lumière des conclusions spécifiques culturelle de naturel et l'artificiel. Basé sur une approche qui fait la spécificité du continent, nous avons de nouvelles formes de perception et de compréhension de l'espace. Dans l'Afrique traditionnelle, le Baobab est un marqueur social, inséparable de la communauté villageoise et sa dynamique. En outre, les Baobabs, en agissant comme des représentations fixes qui sont de nature à revitaliser le rôle, la garder comme une icône qui inspire les nouvelles générations d'Africains et d'ascendance africaine dans le sauvetage et l'affirmation de leur identité.

Mots-clés: Baobab, Spatiale traditionnelle africaine, Imaginaire traditionnelle en Afrique, Action anthropogénique, Culture.

ABSTRACT

The traditional organization of space has received little attention in geographical works, which account for Africa is particularly true. The aim of this paper is to discuss this subject from the tree that is truly a symbol of the continent: the Baobab. A key consideration is that in Africa, the classical concept of space makes little sense in light of specific cultural inferences of naturalness and artificiality. Based on an approach that does the uniqueness of the continent, we have new forms of perception and understanding of space. In traditional Africa, the Baobab is a social marker, inseparable from the village community and its dynamics. Moreover, the Baobabs, by acting as fixed representations that are likely to revitalize the role, keeping it as an icon that inspires new generations of Africans and people with African ancestry in the rescue and affirmation of their identity.

Keywords: Baobab, African traditional space, African traditional imaginary, Anthropogenic changes, Culture.

I. O BAOBÁ NO CONTEXTO DA AFRICANIDADE

“Os frutos da terra fornecem segurança, como também a harmonia das estrelas, que além do mais, fornecem grandiosidade. Deste modo, nos movemos de um para outro: de sob a sombra do Baobá, para o círculo mágico sob o céu; do luar para a praça pública, do subúrbio, para a cidade; dos feriados praianos para o deleite das artes sofisticadas; procurando um ponto de equilíbrio que não é deste mundo”. Yi-Fu-Tuan, Topofilia.

Uma das imagens mais emblemáticas da África são as portentosas árvores conhecidas como *Baobá* ou *Baobab* (Figura 1), palavra de origem árabe que paulatinamente foi incorporada por praticamente todos os idiomas do mundo.

É válido lembrar que a árvore foi imemorialmente granjeada por denominações nas línguas locais africanas. Todavia, o termo *Baobab* se impôs plenamente aos demais, sendo hoje em dia de uso geral na África e no mundo. Ao que tudo indica, baobá deriva da expressão árabe “Pai das muitas sementes”, com raízes em *abū* (“Pai”) e *hibāb* (“semente”).

Nesta linha de considerações, saliente-se que a grafia internacionalmente em curso é *baobab* e não *baobá*, esta última uma variante com trânsito exclusivamente nas nações e coletividades de língua portuguesa.

O primeiro registro reconhecido da terminologia na Europa é datado do Século XVI, quando é mencionado num tratado de plantas egípcias de autoria do botânico italiano Prosper Alpinus, publicado em 1592.

Admite-se a existência de oito espécies do baobá (Cf. BAUM *et alli*, 2002: 181), todas pertencentes ao gênero *Adansônia*, termo que por sinal, é eventualmente utilizado como sinônimo da árvore³.

Retenha-se que das oito espécies, seis são encontradas em Madagáscar e outra, tem por *habitat* as extensões ao Sul do Saara. Somente uma espécie, a variedade australiana, floresce fora do continente africano.

O fato de Madagascar concentrar seis espécies não é fortuito. O país constitui a *core area* biogeográfica de origem do baobá, ou seja, onde a árvore primeiramente surgiu, diversificou-se e a partir da qual se propagou, especialmente por terras africanas.



FIGURA 1 - Além da sua proeminência no imaginário tradicional, o baobá mantém-se como ícone na África moderna. Hoje em dia, é a árvore nacional de Madagascar e emblema nacional do Senegal. Aparece também como logomarca de empresas africanas, brasões e selos oficiais, nos movimentos sociais, étnicos, religiosos e políticos (Foto: BARBIERI, 1997)

Em termos da história natural, o gênero *Adansônia* despontou num momento em que a *Pangea*, macro-continente que até 200 milhões de anos atrás ainda era uma massa compacta, agrupava todas as terras emersas do Planeta.

Com o início da deriva continental e consecutivo surgimento dos atuais continentes, seis espécies ficaram circunscritas às terras malgaches, outra se restringiu ao continente africano e por fim, uma deslocou-se junto com o naco da crosta no que viria configurar a Austrália, sendo que neste último caso, a variedade local do baobá é encontrada estritamente na porção norte-ocidental.

Contudo, os baobás da África e da Austrália, a despeito de estarem separados a mais de 100.000 anos, são praticamente idênticos. Por fim, saliente-se que desde 2012, vários pesquisadores têm defendido a existência de uma nona espécie do baobá, difundida na África Austral.

No mais, paralelamente à fatoraçoão biogeográfica que condicionou a origem e difusão natural do baobá, a árvore pode ser vista atualmente em inúmeros cenários geográficos diferentes do seu espaço natural de origem. Navegantes swahili ⁴, árabes e europeus difundiram o baobá em muitos outros recantos.

Numa proporção apreciável, africanos escravizados carregaram sementes da árvore consigo nos porões dos navios negreiros, disseminando-a em sítios localizados na Ásia e nos países coloniais da América.

Assim, atualmente é possível admirar a característica silhueta do baobá no horizonte de muitas nações banhadas pelo Índico, tais como o Iêmen, Índia, Sri Lanka, Paquistão, Malásia e Indonésia; na região do Pacífico, sua presença é confirmada nas Filipinas, em Taiwan, no Havaí (EUA) e na Nova Caledônia; na América Central e arredores, é visto em Cuba, Jamaica, Haiti, República Dominicana, Martinica, Guianas, Venezuela, Flórida (EUA) e em muitas das pequenas ilhas do Caribe.

A mais ver, o baobá também é encontrado no território brasileiro, em especial no Nordeste, onde é possível topar com a frondosa árvore em pontos específicos da orla litorânea, com destaque especial para a cidade do Recife (Figura 2).

Uma explicação bastante difundida credita ao conde Maurício de Nassau, mandatário do Brasil Holandês, a introdução do baobá no Brasil, em tese trazido da África sob suas ordens para proporcionar leite ao famoso governante em seu jardim particular na capital dos domínios batavos, a cidade do Recife.



FIGURA 2 - No Brasil, o Estado de Pernambuco é o que registra maior número de exemplares de baobás. Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) estima que são 150 árvores. Destas, onze estão no Recife, que por conta desta concentração, é honorificada como *Cidade dos Baobás fora da África*. O mais famoso dos baobás do Recife situa-se na Praça da República, diante do Palácio do Campo das Princesas, sede do governo estadual (foto). Por sinal, a municipalidade instituiu em 2005 o *Dia do Baobá*, indexado ao calendário oficial da cidade (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 13-02-2018)

Por outro lado, o antropólogo pernambucano Câmara Cascudo e numeroso conjunto de especialistas se atêm ao essencial: em face da proeminência do baobá no imaginário tradicional africano, é uma obviedade cabal que os escravizados trouxeram consigo sementes da prestigiada árvore.

Coerentemente, os baobás são encontrados em plagas que no passado, foram marcadas pelo trabalho escravo. Daí a concentração dos exemplares brasileiros nos espaços que integravam o complexo do antigo *plantation* açucareiro.

Nesta mesma linha de argumentação, anote-se que embora a árvore seja encontrada em paragens externas à África, o baobá é reconhecidamente uma representação emblemática do continente, dos seus povos e culturas.

Rubrique-se que o baobá é sobretudo um item do patrimônio biogeográfico da África ao Sul do Saara. Não é observado nas regiões que primam por aridez excessiva (caso dos países da África Setentrional) ou naqueles nos quais nuances orográficas não admitem que a espécie prospere (regiões de elevada altitude da África Austral e Oriental).

Verdadeiro símbolo da África, de costa a costa a sociedade tradicional reservou a esta árvore um carinho apologético. Soma-se a isto, afinidades que no plano do imaginário, interligam a árvore ao universo cultural negro, conexão que reforça elos e proximidades com o continente africano, berço de elementos matriciais que soldam a identidade social, cultural e política da Diáspora Negra ⁵.

Certo é que as características do baobá justificam a sedução, interesse e as emoções que desperta. A saber: o porte da árvore, em média alcançando trinta metros de altura e sete de circunferência, é magnífico.

O baobá é também longo, vivendo por séculos ou milênios (compete com folga com o cedro japonês e a sequoia californiana). Revela grande resiliência, visto que enfrenta prolongados períodos de seca (concentra entre 100.000 e 120.000 litros de água) e demonstra notável aderência ao solo (tão só tratores com tração enérgica conseguem arrancá-lo dos terrenos).

Em particular, a galhada fenomenal do baobá, formada por ramificação singularíssima de troncos e ramagens, imediatamente fascina qualquer observador à primeira vista. É a marca registrada do baobá.

A somatória de todos estes atributos incomuns garante inserção recorrente do baobá nas narrativas literárias, tal como pode ser notado na profusão de provérbios e contos com foco na árvore. Um dos mais citados informa que o baobá, por decisão direta do Altíssimo, foi a primeira de todas as árvores a florescer na Terra.

Agraciado por esta investidura, contos africanos esclarecem que o Criador teria se esmerado em adereçar ao baobá com toda sorte de virtudes e predicados. A intenção era colocar no mundo uma criatura estupenda, à altura do privilégio que o destino lhe reservara.

Mas, o baobá queria ser ainda mais encantador. Insatisfeito com todas as graças que recebera, reclamava incessantemente para que o Criador o aprimorasse mais e mais.

Foi neste momento que o Criador, indignado com tamanha insolência, ingratidão e desfaçatez, decidiu aplicar castigo exemplar ao descontente. Assim, plantou novamente o baobá, só que dessa vez virado para baixo, obrigando o baobá a expor suas raízes de modo que nunca mais se esquecesse do seu desaforo e falta de modéstia.

Como toda fábula africana, trata-se de uma narrativa que pretende traçar uma reflexão e um ensinamento. Isto porque não atesta simplesmente a razão da copa do baobá imitar um emaranhado de raízes.

Antes, destaca uma questão central, *relacionada às origens*. E é claro, a importância que estas ocupam na vida social. Pois então, é exatamente neste prisma que o baobá, por personificar o que é anterior a tudo, se torna prestigiado e afetuosamente cingido como plena representação da Africanidade ⁶.

Com efeito, a árvore evoca uma comunidade de origem, *Gemeinschaft*, para consignar famosa conceituação do pensador alemão Ferdinand Tönnies, fadada a magnetizar um destino comum aos mundos negro e africano ⁷.

Uma inferência personificada pelo baobá que é percebida por todos que compartilham e são solidários com esta memória ancestral em todos os cantos do Planeta.

E nesta cadência, também por milhões de brasileiros.

.

II. O BAOBÁ ENQUANTO MARCADOR IDENTITÁRIO E SOCIOESPACIAL

Não obstante, entenda-se que muito além dos mitos e lendas, do feitiço e porque não, do encantamento despertado pelo baobá, a popularidade desfrutada pela árvore se prende a aspectos de ordem prática, que contribuem com generoso quinhão de regalos.

A árvore é fonte de alimento e item valorizado na dieta dos africanos. As folhas podem ser consumidas na forma de cozidos, saladas, caldos ou como tempero (picadas ou em pó).

O fruto, de sabor suavemente agridoce, conhecido em Angola como *múkua* (Figuras 3a e 3b) é repleto de fibras, rico em vitamina C (seis vezes mais que nas laranjas), em cálcio (duas vezes mais do que o leite de vaca), em ferro e magnésio.

Concentra também elevada proporção de antioxidantes. Com as sementes secas, é obtido um substancioso mingau. Quando torradas, se transformam num bem cotado tira-gosto.

Quanto ao mais, a versatilidade e os nutritivos dotes do fruto do baobá terminaram por reclamar atenção de afamados *chef de cuisine* da alta culinária ocidental, inspirando um movimento que nos últimos anos, tem introduzido a *múkua* no cardápio da cozinha sofisticada.

Confirmando o que o paladar referenda, sublinhe-se que no ano de 2009, o FDA (*Food and Drug Administration*), órgão regulador norte-americano conhecido por sua rigidez, reconheceu a proficiência da polpa e das sementes do baobá como alimento.

Isto para não falar da farmacopeia, que identifica virtudes curativas do fruto para a saúde humana. Aliás, desde milênios, repetidas prescrições da medicina tradicional africana indicam a *múkua* como fármaco. Generosa, a árvore também fornece sombra, óleo vegetal, remédios, celulose, cabaças e corantes (Vide PEIXOTO, 1989).

Para completar, sabe-se que a madeira do baobá é uma excelente matéria-prima para fabricar instrumentos musicais; do seu cerne, se obtém fibra fortíssima, com a qual se tecem cordas e linhas. Em Angola e Moçambique (países onde o baobá é comumente denominado de *imbondeiro* ou *embondeiro*), hábeis carpinteiros ampliam as fendas do seu tronco para criar cisternas comunitárias.



FIGURAS 3a e 3b - Visualização da *múkua* dentro e fora da cabaça do fruto. A porção branca que envolve a semente do baobá íntegra a pauta alimentar de muitos dos povos do continente (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 13-02-2018)

Deste modo, ao reunir tão rico cabedal de virtudes, como o baobá poderia deixar de granjear afeição por parte das pessoas?

Tal como apregoa na antropologia a escola do materialismo cultural, as modulações encontradas no imaginário social estão com frequência, articuladas com declinações de ordem prática, que ganham corpo num dado contexto histórico e social.

Deste modo, a importância do baobá junto à materialidade social certamente contribui para explicar o prestígio desta árvore em toda a África.

Por outro lado, somente arrolar aspectos inatos e objetivos da árvore é insuficiente para entender a proeminência do baobá na sociedade africana. Aliados às suas benesses naturais somam-se *muitos valores sociais*.

Fato quase alegórico, em milhares de aldeias disseminadas pelo *hinterland* da África, a *Adansônia* irrompe no centro da povoação, revelando o papel que lhe é conferido pela comunidade.

Seria o caso de fazer uso da máxima da pena do geógrafo Milton Santos, pela qual estamos diante de um *fixo* a magnetizar e direcionar os *fluxos* do dinamismo social ⁸. Logo, o que se apresenta é um manifesto *marcador* social e espacial. Ou seja, um ente

que ampara e energiza diferentes expectativas dos grupos humanos em cujo seio está instalado.

Certificando esta afirmação, retenha-se que sob a copa frondosa do baobá, o conselho de anciões discute e delibera sobre a vida comunitária; os *griots*⁹, ilustres contadores de história, fazem uso da oratória e da música para afiançar a memória coletiva; chefes dão conta de decisões centrais para as comunidades.

O baobá também é um marco para rituais que honram as divindades e antepassados. Na vida cotidiana, revigoradas pela sombra da árvore, as pessoas fofocam, os convivas se refestelam, namorados se deleitam e os casamentos se realizam.

Enfim, a árvore é o palco de sensos e dissensos, acertos e conflitos, onde as pessoas se unem e se separam. E seja lá o que for, tenha-se uma certeza: o baobá testemunha tudo o que de importante ocorre na aldeia. Cenário por excelência dos eventos marcantes da comunidade, o baobá se torna eixo da vida social. Exatamente por isso ele é, acima de tudo, a *árvore da aldeia*.

Neste prisma, conquanto outras espécies estejam revestidas deste papel, nenhuma agremia a primazia e a notoriedade dos baobás. Dessarte, dignificados enquanto marco identitário, os baobás confirmam um mandato repassado por gerações que habitam o reino dos ancestrais, ciosamente resguardado em nome da tradição.

Assim, bem mais do que uma árvore, o baobá é, por excelência, o guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser e de viver, suas aspirações e anseios de vida.

Em igual medida, para a religiosidade tradicional o baobá é um protetor espiritual. Não é incomum que pessoas do povo busquem consolo e esperança conversando com a árvore, pedindo conselhos e agradecendo por tudo de bom que acontece. Muitos milagres são atribuídos à intervenção miraculosa da árvore, sempre pronta em atender pedidos e súplicas.

Mesmo nos grupos convertidos ao monoteísmo, o baobá se mantém como entidade de culto, recebendo de braços abertos as novas mensagens inspiradas no Deus único. Tão influente é a autoridade da Adansônia que em muitos vilarejos, quando o baobá morre, os aldeões oferecem funeral solene para a árvore, tocando tambores exclusivamente reservados para os rituais de falecimento dos grandes chefes, reis e imperadores.

Nesta via de entendimento, a estima que desfruta a Adansônia, somada à robustez e capacidade em sobreviver por séculos, é apreendida pelo imaginário dos povos africanos como símbolo da disposição em perpetuar a herança ancestral no tempo e no espaço.

Ademais, explicitando-se enquanto referência espiritual da vida comunitária, o baobá assegura que independentemente do que vier a acontecer, ele é repositório da experiência dos antepassados, cujos preciosos ensinamentos são permanentemente reapresentados às novas gerações.

Por outro lado, este apanhado de significados sociais, culturais e afetivos não transita abstratamente pela mente do povo. Isto porque aos baobás se vincula o modo como o espaço é vivenciado na África tradicional e o protagonismo que incorpora enquanto referência constitutiva da territorialidade e dos seus dinamismos.

Nesta averbação, aos baobás estão conectados processos de esculturação da natureza, animando modelados antropogênicos que foram sobrepostos ao longo do tempo histórico ao ambiente originalmente encontrado pelos humanos, assertiva que difere tremendamente das noções pautadas pela ciência ocidental quanto à transformação do meio natural.

Postulando o entendimento de que transformar a natureza significa zerá-la com objetos técnicos e substituí-la por um cenário inteiramente artificializado, carpintejado e despido de naturalidade, colocar em pauta ações antropogênicas mantendo parceria com elementos oriundos da natureza, como no caso dos baobás, poderia, numa crispação com os primados acadêmicos correntes, sugerir um disparate a toda prova.

No entanto, compreender a organização do espaço africano reclama identificar os móveis que respaldaram seu surgimento, diferentes dos conceitos que comandam a mentalidade dos ocidentais.

Nesta via de entendimento, vale registrar que o Ocidente, pautando como válida apenas sua modalidade de transformação da natureza, recusou-se terminantemente a legitimar proposições de organização do espaço e dos elementos que o constituem tais como as encetadas pelas sociedades extraeuropeias.

O Ocidente, ao trabalhar paradigmas de natureza em estado puro ou original - e nesta linha de raciocínio, congelando contextos ecológicos e abstraindo-os de historicidade - declinou da preocupação de analisar processos específicos de artificialização da

paisagem levados a cabo pelas civilizações, sociedades e grupos externos aos métodos e sistemas europeus, uma invectiva que por sinal, também exclui todos os segmentos desigualmente integrados ao modelo hegemônico ¹⁰.

Tal postura respaldou, no caso africano, interpretações que enquadraram a totalidade do continente enquanto um “domínio natural” carente de labor humano.

Por extensão, na categorização das suas populações como incultas, atrasadas e selvagens, leitura que ofertando um *status* de sinonímia entre estas populações com as paisagens com as quais conviviam, configurou peça central nas interpretações racistas e desqualificantes dos africanos, assim como da sua descendência (Cf. WALDMAN, 2010, 2009, 2008, 2006 e 2003).

Assim, frequentemente a visão europeia codificou territórios dotados de função social pelo mundo da tradição como supostamente devotados a um não-uso e, por conseguinte, “vazios”, “incultos”, parte da natureza, uma lógica ativa e autocentrada que jamais se pautou por qualquer abertura quanto ao entendimento autóctone do espaço geográfico que estes povos ocupavam imemorialmente.

Todavia, é importante advertir para situações exatamente opostas. Qual seja, para existência de intenso, árduo e persistente trabalho de esculturação da paisagem por parte das sociedades tradicionais africanas. Aliás, a África, constituindo o *Berço da Humanidade*, foi, antes que qualquer outro naco do globo terrestre, o primeiro a observar a predisposição das coletividades humanas em modelar o meio natural.

Apoiada nas primeiras e notáveis descobertas do gênio humano - como o uso do fogo e de ferramentas, técnicas de construção, técnicas de mapeamento e de orientação espacial, domesticação dos vegetais e animais, desenvolvimento da matemática, engenharia, metalurgia e astronomia - a ação antrópica das populações africanas se desenrolou ao longo de centenas de milhares de anos, resultando em alterações fenomenais da natureza original ¹¹.

É sabido, nada disto foi levado em consideração pelo conhecimento científico eurocentrado. Pelo contrário, ignorando as premissas do ineditismo africano na transformação do meio natural, inclusive com respaldo em ajuizados racistas, os geógrafos do período colonial se sentiram à vontade para rubricar como “naturais”, territórios que na realidade foram, vigorosa e extensivamente, manipulados por povos africanos, na verdade, agentes de primeira linha para compreendermos a historicidade da configuração geográfica de amplas áreas do espaço continental.

Na realidade, a não-compreensão das acepções africanas de transformação do meio natural, modelos cognitivos para os quais os limites entre naturalidade e artificialidade não são claros ao olhar ocidental, resultou em equívocos de toda ordem, tanto no tocante à análise das paisagens em si mesmas, quanto de igual modo, relativamente aos processos de transformação do meio natural.

Veja-se, por exemplo, o caso do Egito Faraônico, espaço onde uma ação humana bem documentada permite avaliar a magnitude da transformação da paisagem pelos felás, os agricultores tradicionais deste país.

Embora contextualizado pelos pesquisadores ocidentais como um ambiente natural, o vale do Nilo observou, na realidade, tremendas alterações ambientais, invisíveis para os observadores estrangeiros, que tomaram a fisionomia da paisagem egípcia como um dado pleno e acabado (Cf. WALDMAN, 2006).

Contudo, note-se que na calha do rio Nilo, a planície atual estende-se sobre o que foi outrora um quadro natural compósito, entremeando áreas úmidas, adensamentos de vegetação e terrenos desérticos.

Desapareceram densas concentrações de palmares, quase verdadeiras florestas de palmeiras. Além do recuo do deserto, os pântanos, junto com a fauna e flora, foram paulatinamente forçados a recuar, abrindo espaço para a agricultura e criação de novos assentamentos humanos ¹².

Antigamente, seria factível conferir, no limiar dos aluviões anuais, “os confins do deserto eram charcos cobertos de grandes juncos ondulantes, povoados por milhares de espécies de aves e por numerosa fauna de pequenos carnívoros” (SAUNERON, 1970: 51. Ver também VERCOUTTER, 1974: 17).

Isto posto, as intervenções humanas no vale do Nilo foram decisivas para alterar de modo irreversível a chamada natureza primeira ou original ¹³, uma autêntica metamorfose que terminou por inaugurar o espaço habitado dos antigos egípcios.

Nesta aferição também poderíamos citar o caso dos campos de Ruanda. Neste país de remota antiguidade, sucessivos arroteamentos promovidos pelos pastores da etnia Tutsi induziram o recuo da mata equatorial em proveito de pastos, um tecido vegetal herbáceo dantes inexistente.

Contudo, tais extensões de gramíneas foram sumariamente catalogadas pela cartografia europeia como “campos naturais”, um veredicto obviamente alheio aos processos históricos que precederam ao surgimento desta paisagem ¹⁴.

Outrossim, num sentido contrário, qual seja, suscitando expansão das florestas, a literatura científica aponta o caso dos Senufo da África Ocidental. No território ocupado por este povo (grosso modo as savanas da Costa do Marfim, Mali e do Burkina Faso), encontramos os *Sizanga*, trechos de bosques nos quais esta etnia oficia suas cerimônias sagradas.

Mas, acontece que tais florestas não constituem propriamente uma área natural. Na verdade, o *Sizanga* deve sua origem a adensamentos arbóreos apoiados por interdições religiosas que definiram certos espaços como sagrados, visitados exclusivamente em obediência a um rígido calendário cerimonial.

Ora, isto simplesmente significa que tais matas são decorrentes de sanções sociais, que induziram sua irrupção e as mantiveram, não sendo cabível, de modo algum, julgá-las como afloramentos espontâneos da naturalidade.

Nesta acepção também podemos recordar que no espaço africano, vastas superfícies tidas como intocadas, não-socializadas ou não-transformadas num ponto de vista ocidental, estavam, em muitos casos, *simbolicamente apropriadas* por ampla variedade de atores sociais atuantes no mundo africano.

Assim sendo, devemos incluir na paisagem antropizada da África vastos e onipresentes *afloramentos socialmente condicionados da naturalidade*, correspondendo a “espaços naturais” resultantes acima de tudo de uma opção cultural por parte das comunidades humanas, não decorrendo de mera atuação dos fluxos da natureza.

É o que tem lugar, por exemplo, no arquipélago dos Bijagós, no litoral da República da Guiné-Bissau. Nesse território, ilhas ou trechos de sua extensão são governados por vários *tabus* religiosos alimentares, sexuais, etc., interditadas total ou parcialmente, com acesso estipulado a determinados períodos do tempo e sendo percorridas unicamente por ocasião de rituais ou festividades.

O espaço do arquipélago dos Bijagós foi articulado em conformidade com preceitos culturais engastados a práticas tradicionais de agricultura, de pecuária, pesca e coleta, resultando numa *composição em mosaico* da organização do espaço pela qual as

diferentes vocações naturais do território foram acopladas entre si, garantindo uma produção econômica capacitada a fornecer os mais variados produtos de modo cíclico e repetitivo, numa linha hoje categorizada como “sustentável”.

Claro está que esta territorialidade foi carimbada pela geografia europeia como uma simples sucessão de biomas, cujo funcionamento prescindiria da presença humana, um equívoco que seria imperioso consignar, transborda a circunscrição de uma singela incorreção conceitual.

Na realidade, concepções como estas integraram um malicioso receituário que com determinação apaixonada foi instrumentalizado para certificar uma “índole selvagem” dos africanos, analisados como se tratassem de populações indistintas do meio natural, que de mais a mais, era igualmente entendido como hostil e refratário à civilização. Quer dizer, não condizente com as formas de territorialização impostas a ferro e fogo pelos ocidentais na senda em submeter a África.

Neste sentido, a avaliação do espaço habitado em África deve levar em consideração as lógicas especificamente africanas de apropriação e de consórcio com a natureza, que não se resumem a uma seriação de práticas, mas sim a um conhecimento sistematizado do ambiente e do território.

É importante advertir que o homem africano sempre possuiu ciência das alterações provocadas no ambiente. A título de exemplo, o conhecimento tradicional dos Mpangu, habitantes do território Bakongo, reconhecia e diferenciava as áreas *nkunku*, bosques antrópicos cultivados, dos *mfinda-nsitu*, florestas naturais dispostas em galerias (Cf. SALUM, 1996: 68).

Por conseguinte, há que serem acatadas metodologias diferenciais que evoquem as singularidades da transformação do meio natural por parte dos povos do continente, habilitando um reconhecimento do que é entendido como natural e artificial ¹⁵.

Necessariamente, a interpretação da organização do espaço em África implica em discernir modalidades próprias adotadas pelas populações locais para assimilar as pulsões da natureza, via de regra mantendo um pacto com a naturalidade.

Neste primado, os fluxos ecológicos foram orientados de modo a induzir sua difusão em meio à territorialidade que emergia da transformação do ambiente natural, construída através de uma parceria com a natureza, e não em oposição a ela.

Disto resulta ser comum nos depararmos no espaço africano com marcadores espaciais resultantes não de uma esculturação, mas sim, da apreensão direta de um elemento da natureza, deliberadamente implantado ou transplantado para outros pontos do espaço habitado, constituindo nesta acepção, uma emanção da naturalidade colocada a serviço da territorialização do espaço.

É o que explica a difusão do baobá no continente. Protegidos pelas comunidades em virtude de sua notória importância para o cotidiano e para a sobrevivência humana, o baobá nitidamente se articula com particularidades geográficas, históricas, culturais e demográficas.

Certo é, que a disseminação desta árvore foi influenciada por causalidades naturais. Contudo, as premissas do meio natural foram tremendamente reforçadas por uma ação humana concreta, premeditada e consciente, atestada por levantamentos cartográficos da difusão desta árvore.

Nitidamente, os espaços de antigos assentamentos humanos no continente, tais como a região lacustre chadiana, o norte nigeriano, a área Kongo, a costa Swahili e ponderáveis seções da extensa faixa sudanesa ¹⁶, não por acaso materializam áreas de concentração substancial dos baobás, facticidade que transcende qualquer difusão espontânea da espécie (Figura 4).

Nesta senda, as virtudes descritas dos baobás certamente garantiram-lhe posição privilegiada dentre as opções ao alcance dos africanos para consolidar e articular a construção do espaço articulado pelas comunidades do continente, impregnando de naturalidade muitas das obras humanas presentes na geografia do continente ¹⁷.

Assim sendo, a naturalidade que muitos observam na paisagem africana seria, neste sentido, uma avaliação incorreta por desconsiderar que o cenário que se descortina aos olhos é na realidade, um ambiente antropizado revestido de naturalidade.

Neste particular anote-se a argúcia em incorporar um ente oriundo da natureza cujas virtudes não são igualadas por quaisquer outros bens oriundos do mundo do artifício. O baobá é inamovível diante das intempéries e dos humores climáticos. Não oxida, não se verga e não se rompe.

Enquanto calço para a humanização do espaço, o baobá dispensa manutenção, desperta segurança por sua perpetuidade e decididamente não agride o meio ambiente. Seria, pois num certo prisma uma opção rigorosamente “sustentável”.

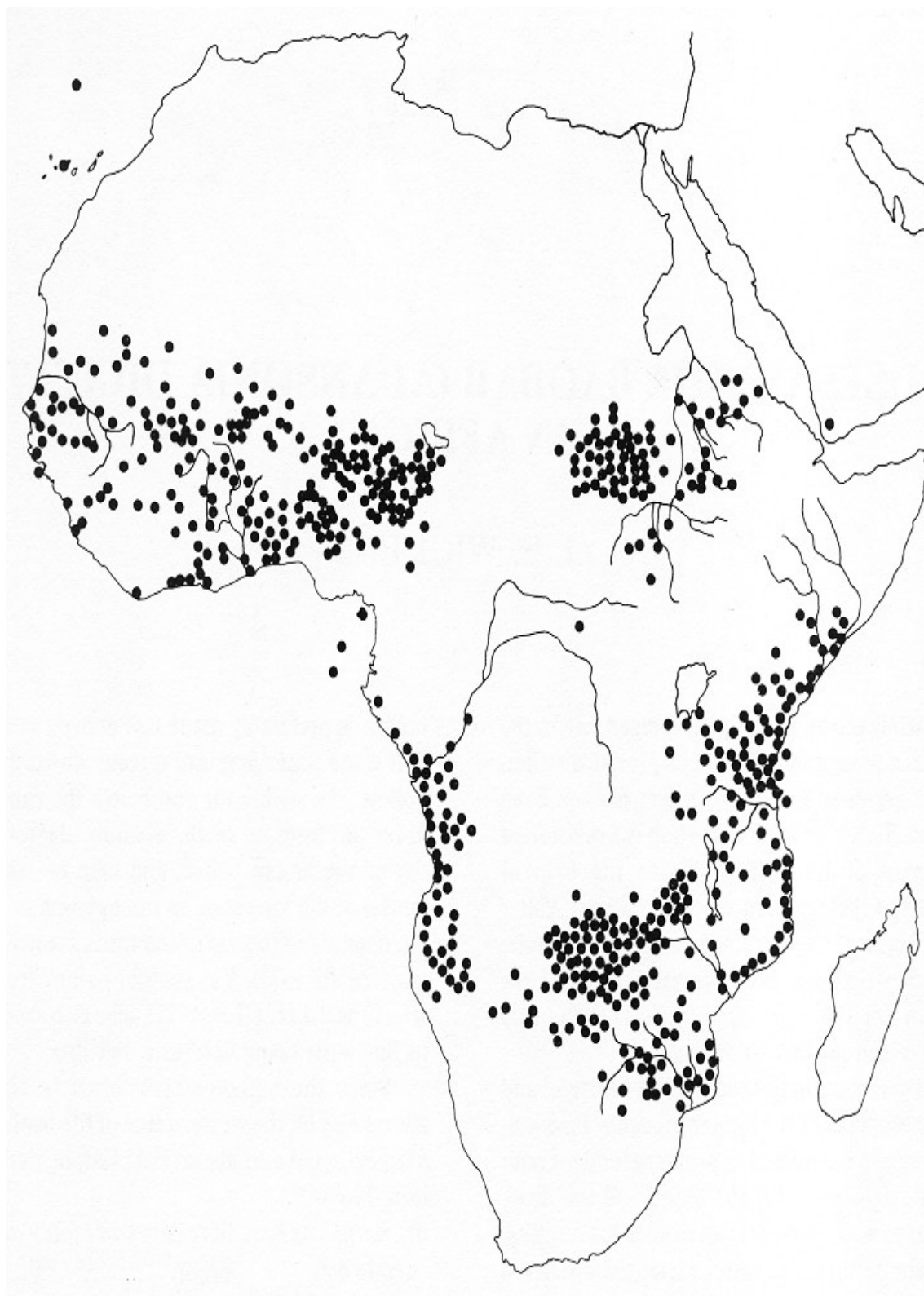


FIGURA 4 - Difusão da *Adansonia Digitata*, espécie encontrada na África ao Sul do Saara (Fonte: < https://www.ilri.org/InfoServ/Webpub/fulldocs/BROWSE_IN_AFRICA?Chapter15.htm >. Acesso: 13-03-2018)

E uma vez plantado num local, enraizado e robustecido, é praticamente certo que lá permanecerá por séculos sem conta. Assim, o baobá é antes de tudo, mais que um elemento oriundo do meio natural, um eficiente subsídio para o empreendedorismo humano, que tem nesta árvore notável um coadjuvante em inúmeras formas de humanização da paisagem africana.

Por isso, foi coerentemente plotado em pontos de destaque da espacialidade africana, passando a atuar enquanto um autêntico objeto espacial, dotado ademais de enorme força inercial, magnetizando e legitimando diferenciado rol de dinamismos presentes no espaço¹⁸.

Reconhecidamente, ao longo de todo continente, dentre os elementos topologicamente invariantes da articulação do espaço, o ponto fixo constituído pela árvore da aldeia é indiscutivelmente um memorável marco da atuação humana, sempre conotado pela opção preferencial em favor do baobá.

É precisamente esta a notoriedade que é possível apreciar nas famosíssimas *árvores ensandeiras* do reino do Ndongo, Estado tradicional angolano que outrora, se impôs como um poder dominante na região centro-norte de Angola.

Historicamente, o Ndongo foi palco de dura resistência ao avanço do colonialismo, notabilizada pelo enfrentamento persistente dos exércitos portugueses e muito particularmente, pela atuação de Nzinga, soberana deste reino e da região da Matamba, situado mais a Leste e também sob seu comando (Cf. WALDMAN, 2016a).

Neste reino, os baobás, conhecidos como *múlèmba*, configuravam *árvores do poder*, representando simbolicamente a ordem instituída e as ligações do mundo dos vivos com o dos mortos.

Logo, eram coerentemente plantadas no centro de toda aldeia do território Ndongo, empreitada altamente perdurável e reincidente na evocação dos direitos ancestrais sobre a propriedade da terra.

A propósito, e no que seria altamente revelador da importância das árvores *múlèmba* para o sistema de pensamento e das práticas socioespaciais concretas da população do Ndongo, os colonialistas portugueses, com o fito de destruir a memória do espaço ancestral e abrir caminho para a desapropriação das terras dos autóctones, encetaram ações sistemáticas de eliminação destas árvores.

Posicionado, pois como um proeminente fator identitário, o baobá substantivou uma das manifestações genuinamente africanas por intermédio das quais a naturalidade encontra na sociedade a celebração da artificialidade (Cf. Figura 5).



FIGURA 5 - A célebre Esplanada ou Avenida dos Baobás, monumento nacional de Madagascar, tombado pela UNESCO, órgão das Nações Unidas para Educação e Cultura. O plantio dos Baobás foi realizado de modo a demarcar o trajeto deste caminho, direcionado por exemplares da *Adansônia grandidieri*, endêmica deste país. Uma imagem representativa das formas autenticamente africanas de construção do espaço habitado (<http://www.dailycognition.com/content/image/20/trees/baobab-avenue.jpg>)

Referendando tal apreciação, eis como tal evidência aparece relato de Sundjata Keita, herói fundador e soberano do Império do Mali: “os Baobás e outras árvores gigantescas que vês [no território do povo Mandinga], são os únicos vestígios das cidades desaparecidas” (NIANE, 1982: 121).

Assim, mesmo quando as comunidades desaparecem fisicamente, os baobás se mantêm enquanto última reminiscência da articulação espacial do passado, ensejando a perpetuação de uma memória viva, que não permite desvanecer as conquistas do

passado, e com isso, ensejando mobilizações e reconquistas que embalam as gerações de africanos que se sucedem.

Aspecto este que transforma o baobá em intérprete contínuo da renovação e do resgate da história e da herança ancestral, que assimila e embala numa única cadência, o presente, o passado e o futuro.

E com isso, transformando-se no mensageiro do inédito.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi ponderado, não haveria como contestar que o baobá não configura um elemento exclusivamente natural, disposto aleatoriamente na paisagem. Pelo contrário, sintetizam a ação do homem no espaço, presente ou pretérita.

Por isso mesmo, frequentemente os africanos observam nesta árvore uma evocação do espaço habitado, e a ela recorrem com o fito de localizar a materialidade de antigas vivências sociais. Isto, a despeito de eventualmente reportarem uma memória que habita lapsos de um tempo profundo, dos quais o baobá corresponde a um pilar essencial.

Complementando, seria meritório argumentar que o baobá não pode ser restringido à condição de mera recordação do passado da comunidade ou dos grupos. Pelo contrário, para o mundo africano e afrodescendente ele é o próprio símbolo de uma identidade imorredoura, que resistiu a todas as vicissitudes da história. Nesta senda, tanto quanto a memória ancestral, o baobá permanece em seu posto: imbatível, ativo e atuante.

E mais: numa clara demonstração de que as prefigurações imaginárias do espaço são permanentemente reatualizadas a partir de contextos específicos, que modelam ou reconstroem sua figuratividade, os baobás ressurgem das profundezas da memória investidos de novos papéis.

Eles agora reaparecem para condenar a utilização predatória dos recursos naturais e defender a inviolabilidade dos territórios das populações tradicionais, resgatando o acervo cultural de grupos oprimidos e apoiando a libertação dos povos não-representados (Figura 6).

O baobá, símbolo da Africanidade, incorpora como vimos múltiplas prefigurações, subsidiadas, é claro, por suas qualidades naturais intrínsecas. Contudo, virtudes estas que expressam uma aspiração africana em manter suas raízes e resistir às forças que pretendem desqualificá-la, inferiorizá-la e oprimi-la.

Assim, o baobá continua a inspirar as novas gerações de africanos e afrodescendentes na afirmação de sua identidade. Mais do que uma árvore, o baobá tornou-se um símbolo civilizatório, baluarte da memória africana, sob cuja proteção e amparo, muitas comunidades encontram abrigo e esperança.

Anseio este que tem no baobá um aliado a toda prova.



FIGURA 6 - Seção da base do monumento em homenagem a Agostinho Neto, Avenida Ho Chi Minh, em Luanda, Angola. Neste mosaico, o Baobá (à direita da imagem) demarca o caminho da guerrilha africana na luta para expulsar os invasores colonialistas estrangeiros (Foto: Professora Thelma Lucchese Cheun, Universidade Federal Mato Grosso do Sul, Luanda, 24-09-2010)

BIBLIOGRAFIA

BALÉE, William. *Sobre a Indigeneidade das Paisagens*. In: Revista de Arqueologia, publicação da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), nº. 2, pp. 9-23. São Paulo (SP): SAB. 2008;

BARBIERI, Gian Paolo. *Madagascar*. Álbum de fotos. República Federal da Alemanha: Taschen. 1997;

BASTIDE, Roger. *As Américas Negras - As Civilizações Africanas no Novo Mundo*. 3ª edição. São Paulo (SP): Coedição Difusão Européia do Livro (DIFEL) e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1974;

BAUM, D. A.; SMALL, R. L.; WENDEL, J. F. *Biogeography and floral evolution of baobabs (Adansonia, Bombacaceae) as inferred from multiple data sets*. Systematic Biology, V. 47, pp. 181-207. EBSCO Publishing. 2002;

CHRÉTIEN, Jean Pierre. *Hierarquia e Trocas nos Reinos dos Grandes Lagos do Leste Africano*. In: *Para Uma História Antropológica*, página 48, Coleção “Lugar da História”, nº 2, Edições 70. Portugal: Cidade do Porto. 1978;

COELHO, Virgílio. *Em Busca de Kábàsa: Uma Tentativa de Explicação da Estrutura Político-Administrativa do Reino do Ndongo*. Texto mimeo. Angola: Luanda. 1995a;

_____. *A Cidadela Real de Mbánza á Ndóngó: Contribuição para o Conhecimento da Organização Administrativa e Urbana de Uma Aglomeração Africana ao Sul do Equador em fins do Século XVI*. Texto mimeo. Angola: Luanda. 1995b;

COUTINHO, Leopoldo Magno. *Queimadas e Floração*. In: Suplemento Cultural do jornal O Estado de S. Paulo (OESP), nº 13, ano I, pp. 4-5. São Paulo (SP): OESP. 1977;

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. Edição do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Úmidas Brasileiras (NUPAUB). São Paulo (SP): Universidade de São Paulo. 1994;

DOUGLAS, Mary. *Los Lele de Kasai*. In: *Mundos Africanos - Estudios sobre las Ideas Cosmologicas y los Valores Sociales de Algunos Pueblos de Africa*, Darill Forde (org.).

Cidade do México e Buenos Aires (México/Argentina): Fondo de Cultura Económica. 1959;

GILIOI, Renato de Sousa Porto. *Representações do Negro no Modernismo Brasileiro: Artes Plásticas e Música*. Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura - Programa de Ação Cultural, 2008. São Paulo (SP): Best Book. 2009;

HARRIS, David H. *A Ecologia Humana em Meio Ambiente de Savana*. : Revista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ano 44, exemplar de Jan/Fev. Rio de Janeiro (RJ). 1982;

LEITE, Fábio. *Penyakaha*. Separata de África, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP), nº 9. São Paulo (SP). 1986;

_____, Fábio. *O Poro*, texto mimeo. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 1993;

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo (SP): Selo Negro, 2004;

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Meio Ambiente e Ciências Humanas*. 3ª edição. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 2002;

MUNANGA, Kabengele. *Povos e Civilizações Africanos*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. Brasília e São Paulo (DF-SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores, texto mimeo. 1984;

NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a Epopéia Mandinga*. Coleção Autores Africanos, nº. 15. São Paulo (SP): Editora Ática. 1982;

PAIXÃO, Marcelo. *Um Balanço das Ações Afirmativas para Afrodescendentes no Sistema de Ensino Brasileiro*. In: Relatório Direitos Humanos no Brasil 2010. São Paulo (SP): Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. 2010;

PEIXOTO, Aristeu Mendes (Org.). *Enciclopédia Agrícola Brasileira*. São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1989;

SALUM, Marta Heloísa Leuba. *A Madeira e Seu Emprego na Arte Africana: Um exercício de interpretação a partir da estatúria tradicional bantu*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 1996;

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 3ª edição. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1999;

_____. *Técnica, Espaço e Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. Coleção Geografia e Realidade, nº. 25, 4ª edição. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1998;

_____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1988;

_____. *Por Uma Geografia Nova*. São Paulo (SP): Coedição Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) e Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1978;

SAUNERON, Serge, *A Egíptologia*. Coleção Saber Atual. São Paulo (SP): Editora Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1974;

SLAVIERO, Dirce et URBAN, Loiva. *Padoko, Padoko - Uma experiência na África Negra*. Coleção Lousas, pesquisa em educação, nº 2. Passo Fundo (RS): Battistel. 2007;

TUAN, Yi Fu. *Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1980;

VERCOUTTER, Jean. *O Egito Antigo*. Coleção Saber Atual, nº. 164. São Paulo (SP): Editora Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1974;

WALDMAN, Maurício. *A Memória Viva da Rainha Nzinga: Identidade, Imaginário e Resistência*. E-book postado na Plataforma Kobo. Texto disponível *on line* em Formato PDF no link: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_21.pdf >. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016a;

_____. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali*. E-book postado na Plataforma Kobo. Texto disponível *on line* em Formato PDF no link: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_24.pdf >. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016b;

_____. *O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma Conjugação entre Natural e Artificial*. In: Revista Cultura, pp. 13-14, 09-07-2015. Luanda (Angola): Cultura - jornal angolano de Artes e Letras. 2015;

_____. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali*. Artigo publicado na revista Cultura, nº. 45, página 14, edição de 09-12- 2013. Luanda (Angola): Cultura - jornal angolano de artes e letras. 2013;

_____. *O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma Conjugação entre Natural e Artificial*. Paper publicado na Edição especial “África Única e Plural - Mélanges” (org. Professor Kabengele Munanga). In: revista África, volume 20/2, pp. 223-235. São Paulo (SP): Centro de Estudos Africanos da USP- CEA-USP. 2012;

_____. *O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu*. Poços de Caldas (MG): III Seminário das Relações Interétnicas e Igualdade Racial e Cultural na Educação. 2009;

_____. *Arquétipos, Fantasmas e Espelhos*. Geousp nº. 23, Revista de Pós-Graduação da Geografia USP, pp. 44-64. São Paulo (SP): Depto de Geografia USP. 2008;

_____. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali*. Anexo de Memória D’África: A temática africana em sala de aula, pp. 311-313. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007;

_____. *Meio Ambiente & Antropologia*. 1ª. edição. São Paulo (SP): Editora SENAC. 2006;

_____. *Imaginário, Espaço e Discriminação Racial*. In: Geousp nº. 14, Revista de Pós-Graduação da Geografia USP, pp. 45-64. São Paulo (SP): Depto Geografia USP. 2003;

_____. *Força Vital, Tempo e Espaço - A Topologia do Imaginário Africano Tradicional na Crônica “Griot” de Sundjata Keita*. Revista África, nº. 20-21, pp. 219-268. São Paulo (SP): Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP). 2000;

_____. *Metamorfoses do Espaço Imaginário*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo (SP): Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 1997;

_____. *Templos e Florestas: Metamorfoses da natureza e naturalidades da metamorfose*. Texto mimeo. São Paulo (SP): Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 1992;

WALDMAN, Maurício *et alli*. *Memória D'África: A temática africana em sala de aula*. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007;

WICKENS, G. E. *The Uses of the Baobab (adansonia digitata l.) in Africa*. AETFAT: Taxonomic aspects of African economic botany. G. Kunkel (editores). 1979.

¹ **O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma Conjugação entre Natural e Artificial**, ISBN: 1230000909471, é um texto que foi primeiramente disponibilizado na Plataforma Kobo pela **Editora Kotev** (Kotev ©) em Janeiro de 2016. Em Março de 2018, este mesmo material foi transformado em material de acesso livre na Internet em Formato PDF. Editorialmente, **O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma Conjugação entre Natural e Artificial** é um texto elaborado a partir de ensaios preliminares, decorrentes de conferências e cursos de capacitação em afro-educação nos quais o autor atuou como professor no transcorrer do decênio 2003-2013, particularmente no Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Com este mesmo nome, versões anteriores de **O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma Conjugação entre Natural e Artificial** foram publicadas na Edição especial “África Única e Plural - Mélanges” (Organização Professor Kabengele Munanga), da revista África, volume 20/2, pp. 223-235, do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) em 2012 e por Cultura - Jornal angolano de artes e letras, de Luanda (Angola), em duas seções, a primeira na edição de 9-07-2015, pp. 13-14, e a segunda, em 22-06-2015, pp. 12-13. Há uma versão original, também homônima e com titularidade do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP), que circulou em Formato PDF em 2011-2013 na Internet para acesso livre dos alunos dos Cursos de Difusão do CEA-USP e demais interessados. No mais, a presente edição de **O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma Conjugação entre Natural e Artificial**, sem qualquer prejuízo para o núcleo essencial dos textos anteriores, foi revisada e ampliada, agregando novas imagens, notas de rodapé e indicações bibliográficas, também acatando as regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF, permitindo consulta em toda sorte de *gadgets* eletrônicos, inclusive aparelhos celulares. A confecção desta edição contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. Saliente-se que a citação de **O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma Conjugação entre Natural e Artificial** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor, texto e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma Conjugação entre Natural e Artificial*. Série Africanidades Nº. 23. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, jornalista, editor, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico

Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

³ Adansônia é uma referência a Michel Adanson (1727-1806), naturalista francês de ascendência escocesa a quem se deve a primeira descrição taxonômica do baobá.

⁴ A denominação Swahili refere-se a grupos majoritariamente muçulmanos do litoral da África Oriental, marcados pelo sincretismo da cultura bantu com aportes trazidos por árabes, persas, malaios e indianos de confissão islâmica. Formando um complexo cultural fortemente lastreado na relação com o comércio, a área Swahili se confunde em grande parte com o colar de movimentadas cidades portuárias encaixadas em ilhas e em outros acidentes geográficos na fachada do Índico na África Oriental: Quiloa, Mombaça, Mogasdício, Pemba, Sofala, Pate, Lamu, Moçambique e Zanzibar.

⁵ A este respeito, rubrique-se a diferenciação traçada pelo sociólogo francês Roger BASTIDE (1974: 26-27), identificando *culturas africanas* de um lado e *culturas negras*, de outro. Com efeito, no continente americano os africanos e seus descendentes forjaram, em resposta ao novo ambiente em que deveriam se inserir,

uma cultura nova, capacitada a resistir a um conjunto de pressões sociais, culturais, políticas e econômicas. Nesta sequência, muitos elementos africanos de base foram alterados e conquistaram feições diferentes da tradição ancestral. Daí a pertinência em se pautar a irrupção de culturas *negras*, distintas das propriamente *africanas*. Mas, sublinhe-se que as duas polaridades culturais mantêm forte sinergia entre si, constituindo um equívoco entendê-las em separado, e pior ainda, dissociá-las entre si. Objetivamente, África e Diáspora Negra compartilham conexões inextricáveis nos mais diversos planos e dimensões, sendo, portanto incabível pretender operacioná-las conceitualmente de modo estanque.

⁶ Cabe lembrar que no território que se estende das franjas do deserto do Saara ao extremo Sul do continente africano, *ou seja, a África Negra*, ao lado da diversidade de práticas culturais, existem *concepções profundas* compartilhadas por centenas de grupos. Esta fisionomia comum, chamada *Civilização* no singular, ou então, para frisar uma terminologia mais contemporânea, *de Africanidade*, limita-se, num plano cultural e geográfico, exclusivamente à África Subsaariana, à África dita Negra (*apud* MUNANGA, 1984: 30, *grifos nossos*).

⁷ Para Ferdinand Tönnies, *Gemeinschaft* (comunidade), é a contraposição a *Gesellschaft* (sociedade). Nesta linha de abordagem, *Gemeinschaft* representava o passado, a aldeia, a família, o calor. Tinha motivação afetiva, era orgânica, lidava com relações locais e com a interação. As normas e o controle davam-se por meio da união, do hábito, do costume e da religião. Seu círculo abrangia família, aldeia e cidade. O conceito de *Gemeinschaft* também intui a noção de “comunidade de destino” forjada por Tönnies conotando um espaço de sociabilidade calcado na atuação solidária dos seus participantes, nele compartilhando benefícios e desventuras.

⁸ A conceituação de fluxos, com a qual se concatena a de fixos, foi elaborada por Milton SANTOS em vários dos seus escritos (1999, 1998, 1988 e 1978) a partir de proposições trabalhadas desde os anos 1970. Ambas operam enquanto estacas epistemológicas na sua definição de espaço, visto como uma relação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, no seio dos quais os fixos e os fluxos se mantêm em interação permanente.

⁹ Os *griots*, numa definição antropológica, correspondem aos mais exímios expoentes da oralidade nas sociedades africanas, notadamente na África Ocidental, usualmente agregando à sua de difundir relatos, feitos e narrativas da tradição africana, a condição de cantores, músicos e poetas.

¹⁰ Nessa aproximação, pode-se recorrer ao caso modelar da Floresta da Tijuca, situada no município do Rio de Janeiro. Considerada a maior floresta urbana do mundo, pouco se comenta sobre suas origens. Na verdade, o senso comum desconhece que essa mata portentosa *não constitui uma mancha de vegetação natural*. Pelo contrário, até o ano de 1862 plantações de cana-de-açúcar e de café vicejavam por toda a região. No que comprova o quanto a noção do natural vinculava-se a estatutos posicionados historicamente (SANTOS, 1988: 75), esta área resultou

do trabalho de um punhado de escravos, que reflorestaram este sítio hoje exuberante, lar de inúmeras espécies da flora e fauna (LOPES, 2004: 279).

¹¹ Muitos textos da antropologia recorrem ao conceito de *indigeneidade*, conceituação atinente aos modos tradicionais de conhecimento e de atuação no mundo, aludindo especialmente às culturas e práticas ditas “primitivas”, “tribais” ou de “pequena escala”. No plano ambiental, a indigeneidade desempenhou papel de importância fundamental para explicar largo e extenso cabedal de paisagens esculpidas pelo homem em sociedade, no geral uma antropogenia baseada na ação cumulativa de ações ditas “pouco impactantes”, mas que no transcorrer do tempo implicam em profundas alterações do ambiente natural, assim como da composição e distribuição dos elementos da vida selvagem. Neste sentido, cenários amplamente catalogados como “naturais” seriam mais verdadeiramente *paisagens construídas*, que descartandose a multimilenar atuação do homem em sociedade, jamais apresentariam a configuração que exibem, inclusive as assim chamadas “características naturais” (Cf. BALÉE, 2008; WALDMAN, 2006).

¹² Tal notação igualmente pode ser transposta para dois outros laboriosos polos de civilização alojados na bacia do Nilo: Kush ou Núbia, nas extensões do curso médio do grande rio africano e a Abissínia, nas nascentes montanhosas do grande rio, situadas nas sapatas montanhosas e cimeiras do planalto etíope.

¹³ Recorda o geógrafo Milton Santos, na modelagem do espaço geográfico, nos arranjos dados pelos humanos aos elementos naturais encontrados no ambiente, encontra-se o espelhamento das relações sociais mantidas pelos homens entre si, e destes, com o meio natural. Neste processo a *natureza original* ou *primeira*, é transformada em uma *natureza segunda, artificial, criada pelo homem* (SANTOS, 1978: 201). Cabe anotar, na reflexão do geógrafo Antonio Carlos Robert MORAES, “o ambiental não se homogeneíza num só alvo de ação, antes se difunde como faceta inerente a todo ato de produzir espaço” (2002: 30). (Nota da edição de 2016).

¹⁴ Processos semelhantes aconteceram em muitas outras seções do espaço africano, caso dos Lele da região do Kasai (antiga Katanga, situada ao Sul da atual República Democrática do Congo), responsáveis pela savanização antrópica de largas extensões de territórios dantes florestados (DOUGLAS, 1959).

¹⁵ “Muitas vezes o que imaginamos natural não o é, enquanto o artificial se torna ‘natural’ quando se incorpora à natureza. Nesta, as coisas criadas diante dos nossos olhos e que para cada um de nós é novo, já aparece às novas gerações como um fato banal. O que vimos ser construído é, para as gerações seguintes, o que existe diante deles como natureza. Descobrir se um objeto é natural ou artificial, exige a compreensão de sua gênese, isto é, de sua história” (SANTOS, 1988: 75).

¹⁶ Sudão é uma forma abreviada da expressão árabe *Bilad-as-Sudan*, significando *País dos Negros*. Caberia advertir que via de regra o topônimo Sudão é relacionado unicamente ao país homônimo situado na parte oriental do continente. Porém, retenha-se que nações como Gâmbia, Senegal, Guiné, Níger, Mali, Chade e adjacências, igualmente integram o entendimento geográfico mais amplo de Sudão,

que abrange a ampla faixa de savanas que se estende de leste a oeste do continente africano. Nesta acepção, partes da África ocidental que foram ocupadas pela França, eram designadas, por exemplo, como Sudão Francês, enquanto que o atual Sudão era cartografado como Sudão Anglo Egípcio.

¹⁷ Existem também inúmeros desdobramentos ambientais relacionados ao empenho humano em alastrar o baobá. A difusão dos baobás motivou realinhamento de espécies para as quais a árvore é fonte de alimento e abrigo, alterando a demografia da vida selvagem e sua composição.

¹⁸ As terminologias *objeto espacial* e *força inercial* correspondem a conceitos elaborados pelo geógrafo Milton Santos. Neste particular, o primeiro refere-se, numa visada sintética, a um acréscimo resultante da intervenção humana, passível de redefinir os fluxos originais do meio natural. O segundo, à capacidade destes mesmos elementos revivificarem processos e dinamismos do espaço habitado (Cf. SANTOS, 1999, 1998, 1988 e 1978).

CONHEÇA O AMBIENTALISMO AFRICANO

LIÇÕES DA MÃE ÁFRICA:

O Exemplo das Mobilizações Ambientalistas



MAURÍCIO WALDMAN



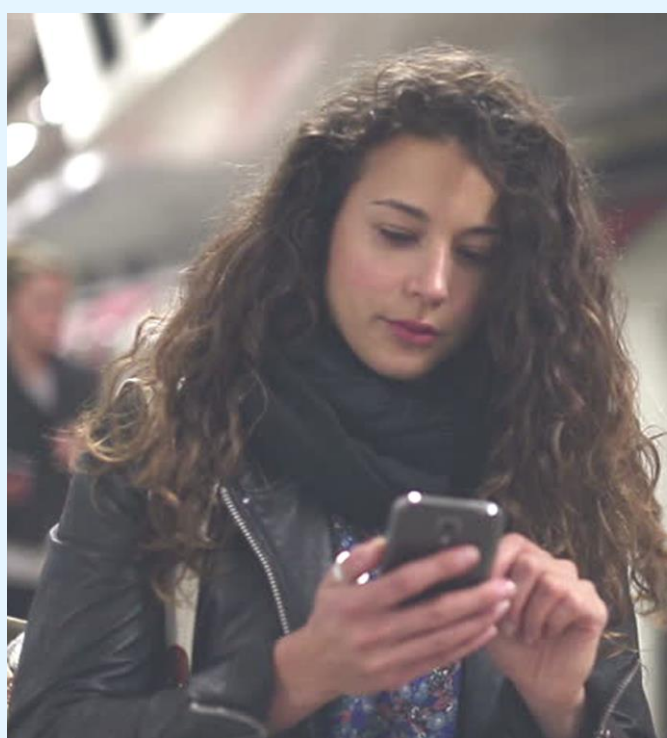
EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 19

http://mw.pro.br/mw/africanidades_19.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV
Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br